

# CARTA ABERTA

## A TRINDADE COELHO

*Meu caro Trindade Coelho*

Verbera-se no seu jornal a *Seara Nova* porque (diz-se nêle) tomou o partido dos violentos e desordeiros, contra os homens ordeiros e pacíficos.

Óra vejamos, muito comesinha e pacatamente.

Subiu ao poder o sr. Domingues dos Santos. Trazia defeitos? — E não eram poucos. Usou de maus processos de popularidade? — Eu penso que usou. Necessitavam de correcção os seus projectos? — É o meu parecer. E sendo assim, que deviam fazer os homens da Ordem? Corrigir com serenidade e discutir com ordem.

Pois bem. O *leader* «ordeiro» do partido «ordeiro», o sr. Cunha Leal, fez obstrucionismo de pancadaria, — de desordem.

E o jornal «ordeiro», o seu *Século*, levantou às nuvens o sr. Cunha Leal.

Discutem na Câmara dos Deputados, de um lado o ministro sr. Pestana (membro do Governo que é desordeiro, em seu entender) — e do outro lado o sr. Cunha Leal, chefe da opposição a que chama ordeira. E em qual deles, Trindade Coelho, se pôde ver a serenidade?

E em qual o furor?

Assembléa no Banco de Portugal. Fala o representante dos que chama violentos, o sr. Daniel Rodrigues: um modelo de calma e de sizudez. Intervem os senhores a que chama ordeiros, e armam «banzé»!

Não. Os desordeiros, agora, foram os donos do seu *Século*, — com a agravante de que lhes compete, por todos os motivos, a atitude da paciência, da serenidade, do auto-domínio e da correcção.

Vi com alegria, como sabe, o início do movimento das Forças Vivas.

Aqui mesmo o declarei.

Sou sempre pela organização das classes, e por tudo que tenda a marcar limites à onipotência do politiqueiro. Mas com a seguinte restrição, que logo fiz:

«A expectativa, portanto, é o que nos parece ju-

dicioso. Sempre alerta? Evidentemente! Para que o movimento se não torne, de nacional e para o Bem Comum, numa força parasitária de classe» (*Seara Nova*, n.º 38, p. 38).

Quando o vi entrar para a direcção do *Século*, pensei que actuaría como correcção, junto dos homens que ali dominavam, de qualquer espírito de oligarquia. Temo hoje, porém, que sejam eles que o arrastem a si...

Pois que se viu? O seu periodico, que ia combater os maus políticos (assim declarou) adopta os costumes dos piores políticos; alia-se aos políticos mais «políticos» sempre que assim lhe pareceu convir; e mantém os costumes mais censuráveis do jornalismo português.

Que há mais repulsivo, por exemplo, que o modo como se tratou na sua folha a bela defesa de Ezequiel de Campos, na Câmara dos Deputados, — discurso tão nobre e tão sincero que os mais ferozes inimigos se renderam respeitosa, pois nunca se falara naquela Câmara com mais autoridade e elevação?

O maior desordeiro, portanto, foi neste lance o «conservador».

Conservador?

As grandes reformas *liberais*, como sabe, na Inglaterra do século XIX, foram feitas quasi todas por governos «conservadores». A opinião liberal reclamava, os conservadores faziam. Que quero dizer? Que os conservadores ingleses foram pessoas inteligentes; que ser conservador inteligente é ser «melhorista» com prudência, é querer o progresso sem desordem, é desejar a justiça sem furor: mas ser melhorista, querer o progresso, desejar a justiça. É ser o vapor e o volante; ou, se prefere, combinar o volante com o vapor; não é querer inércia e estagnação; não é resistir com os olhos fechados, obrigando à fúria do desespero aqueles que sonham com maior justiça!

A riqueza, como sabe, cria pesadas obrigações. Não é admissível que se seja rico e se não pense em mais que no próprio bem. Porque não há de dizer aos donos do *Século* que lhes cumpre cuidar no interesse geral? Se lhes não serve essa riqueza

para se despojarem do egoísmo, — não são dignos de a possuir.

Dêem o exemplo: o exemplo da calma, na generosidade, da justiça, da previsão. O seu interesse verdadeiro é melhorarem a sociedade dentro dos moldes actuais.

Favoreçam pois, quanto possam, a accessão do pobre à propriedade; democratizem o nosso Crédito; impulsionem a assistência; promovam a reforma da educação.

Se querem fazer a propaganda do tipo actual de sociedade, demonstrem às gentes por obra e facto que lhes é possível dentro dele o melhorarem o que aí está. Ouçam portanto com paciência toda espécie de reclamações; por isso mesmo que são ricos, teem obrigação de as ouvir, por isso mesmo que se dizem cultos, teem o dever de as meditar. Bolxevismo? Anarquia? Mas são eles que fazem a anarquia, — se acaso insistirem no seu egoísmo; são eles que fazem o bolxevismo, se acaso teimarem na sua inércia. Mostrem-se dignos de ser chefes. O estar no comando impõe um dever: o dever magnifico de cuidar da Grei.

Não lhes nego, como vê, o belo destino de comandar. Pelo contrário: peço-lhes que comandem a Nação. Comandar, porém, significa mandar *para o Bem Comum*.

Assim julguei que pensava V., e que assim diria às Forças Vivas, ao ir dirigir o seu jornal. Logo de início, como sabe, muitíssima gente o condenou; não fui com êsses, porque esperei; mas até hoje esperei em vão. O que não fez, porém, até agora, está talvez a tempo de o fazer. Convença os proprietários do seu periódico, não digo já a ser generosos, mas a ser egoístas com intelligencia. Façam eles o necessário para não dar razão à demagogia, que ninguém detesta mais do que eu. Nenhuma classe tem sempre razão, nenhuma merece constantemente o nosso apoio incondicional. A posição do intellectual deve estar acima da do político, mas também acima da do mercador; e se há mercadores honorabilísimos (honra lhes seja!) sobrelevam às vezes os da outra espécie, a que se pode aplicar como uma luva a crítica enérgica do poeta francês:

Vous vivez lâchement, sans rêve, sans dessein,  
Plus vieux, plus décrépits que la terre inféconde,  
Châtrés dès le berceau par le siècle assassin  
De toute passion vigoureuse et profonde.

Votre cervelle est vide autant que votre sein,  
Et vous avez souillé ce misérable monde

D'un sang si corrompu, d'un souffle si malsain,  
Que la mort germe seule en cette boue immonde.

Hommes, tueurs de Dieux, les temps ne sont plus loin  
Où, sur un grand tas d'or vautrés dans quelque coin,  
Ayant rongé le sol nourricier jusqu'aux roches,

Ne sachant faire rien ni des jours ni des nuits,  
Noyés dans le néant des suprêmes ennuis,  
Vous mourrez bêtement en emplissant vos poches!

Ora pense serenamente: não será assim, Trindade Coelho?

Seu am.<sup>o</sup> e ad.<sup>or</sup> muito obrigado

ANTÓNIO SÉRGIO.



## “SEARA NOVA”

PREÇOS DAS ASSINATURAS  
E SEUS REPRESENTANTES

Número avulso, 1\$50.—ASSINATURAS: Continente e Ilhas: 6 números, 7\$50; 12, 15\$00; 24, 30\$00; Colónias: 12 números, 25\$00; 24, 50\$00; Estrangeiro: 12 números, 20 fr.; 24, 40 fr.

REPRESENTANTES: Braga: Cruz & C.<sup>a</sup> Ltd.<sup>a</sup>, Rua Nova de Sousa, 121 a 133; Guiné: Joaquim Correia Vilela, Bissau; Porto: Fernando Machado, Rua das Carmelitas, 15; Estados-Unidos da América do Norte: José Martins Maia, 56, Nelson Street, New-Bedford, Mass. (U. S. A.)

Os pedidos de publicações devem ser dirigidos á Empresa de Publicidade *Seara Nova*, Praça Luís de Camões, 46, 2.<sup>a</sup>, (sede da Universidade Livre). Telefone 4322 Central.



A colecção da SEARA NOVA contém a história mais completa e flagrante das ideias modernas, da política nacional e internacional, assuntos sociais, literatura, doutrina, crítica, poesia, polémica, etc.

Cada vol., br. . . . . 25\$00  
” ” enc. . . . . 40\$00



A SAÍR BREVEMENTE:

DE PORTUGAL A MACAU

POR SARMENTO DE BEIRES  
EDIÇÃO DA “SEARA NOVA”